

## FICHA TÉCNICA

Título original: *Imperium*

Autor: *Robert Harris*

Copyright © Robert Harris, 2006

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2006

Tradução: *Saul Barata*

Imagem da capa © Penguin Random House UK (Hutchinson)

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, Dezembro, 2006

Reimpressão, Lisboa, Abril, 2017

Depósito legal n.º 250 710/06

Reservados todos os direitos

para Portugal à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 BARCARENA

info@presenca.pt

www.presenca.pt

TIRÃO, Marco Túlio, secretário de Cícero. Não se limitou a ser o amanuense do orador e o seu assistente nos trabalhos literários; foi, ele próprio, um autor de créditos firmados e o inventor da estenografia, um sistema de escrita que lhe permitia captar e escrever correctamente os discursos dos oradores públicos, por mais rápida que fosse a sua dicção. Depois da morte de Cícero, Tirão comprou uma herdade nas vizinhanças de Putéolos, para onde se retirou e onde viveu, segundo Jerónimo, até fazer uma centena de anos. Ascónio Pediano (em Mílon, 38) refere-se a um quarto livro da biografia de Cícero, da autoria de Tirão.

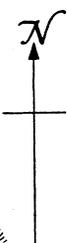
*(Dictionary of Greek and Roman Biography and Mythology, Vol. III, editado por William L. Smith, Londres, 1851.)*

*«Innumerabilia tua sunt me officia, domestica, forensia, urbana, provincialia, en re privata, in publica, in studiis, in litteris nostris...»*

«Prestas-me inúmeros serviços, em minha casa e fora dela, em Roma e no estrangeiro, tanto em assuntos privados como em intervenções públicas, nos meus estudos e trabalhos literários...»

(Cícero, carta a Tirão, 7 Novembro de 50 a.C.)

# ROMA REPUBLICANA



Rio Tibre

CERCAS  
(Cabins de Voto)  
CAMPO  
DE MARTE

«Villa» Oficial

Porta Colina

QUIRINAL

VIMINAL

ESQUILINO

Senado

ARGILETO

CAPITOLINO

FÓRUM

Templo de Castor

Sítio dos Estrucos

VIA SAGRADA

PALATINO

CÉLIO

Ponte Emilia

Circo Máximo

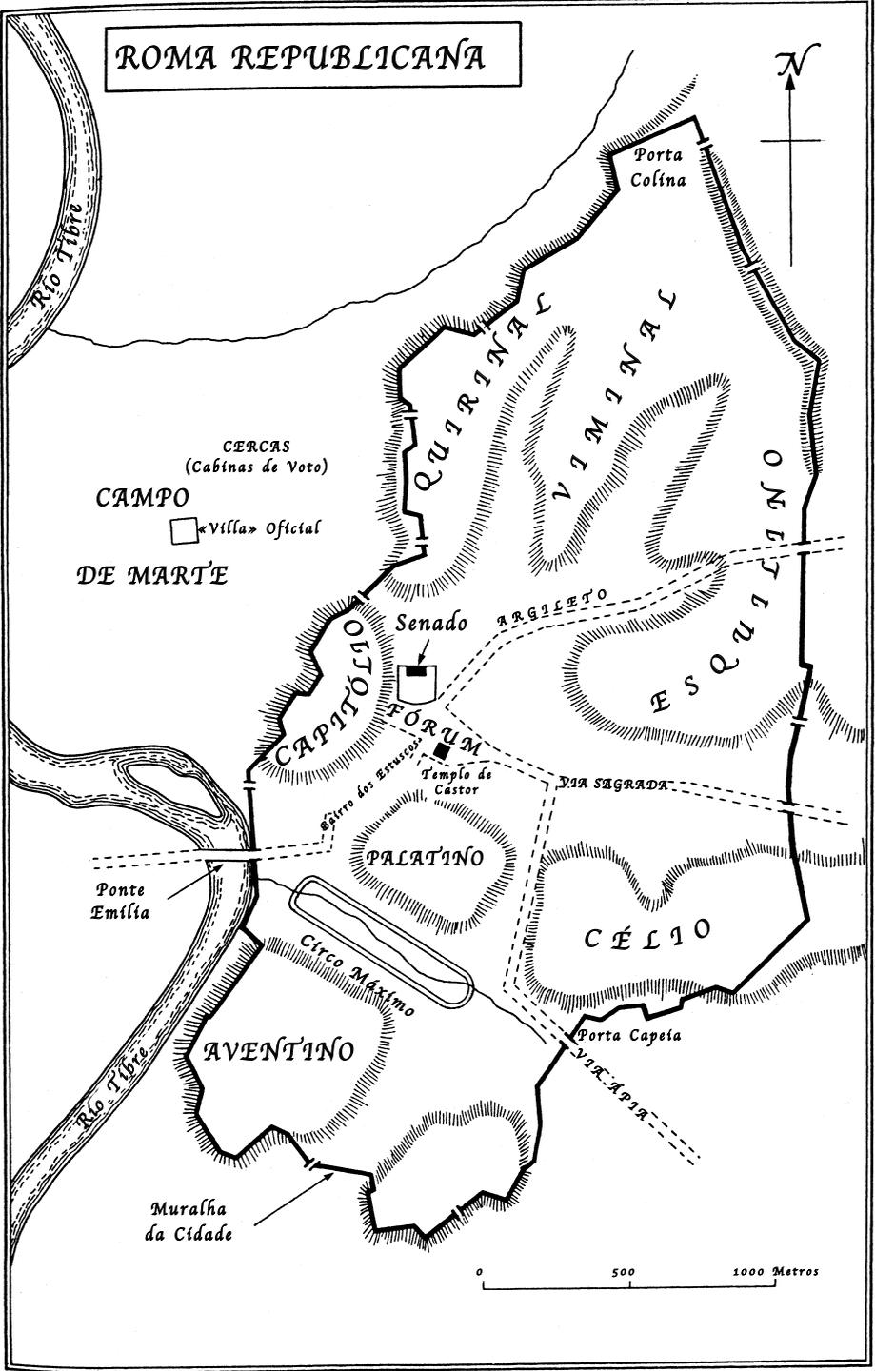
Porta Capena

AVENTINO

VIA APPIA

Muralha da Cidade

0 500 1000 Metros



PRIMEIRA PARTE  
**SENADOR**  
79-70 a.C.

*Urbem, urbem, mi Rufe, cole et in ista luce viva!*

Roma! Apoia-te em Roma, meu caro amigo,  
e vive sob as luzes da ribalta!

(Carta de Cícero para Célio, 26 de Junho de 50 a.C.)

## I

Chamo-me Tirão. Durante trinta e seis anos fui secretário pessoal do estadista romano Cícero. Uma tarefa que começou por ser excitante, para depois se ir tornando espantosa, árdua e, por fim, extremamente perigosa. No decorrer desses anos, acredito que ele passou mais tempo comigo do que com qualquer outra pessoa, incluídos os próprios familiares. Assisti às suas reuniões privadas e fui correio das suas mensagens secretas. Registei por escrito os seus discursos, cartas e trabalhos literários, até a poesia; um tal dilúvio de palavras obrigou-me a inventar uma escrita abreviada, a chamada estenografia, um sistema que continua a ser usado para registar as deliberações do Senado e pelo qual me foi atribuída, há pouco tempo, uma modesta pensão. Esta, juntamente com alguns legados e a generosidade dos amigos, é suficiente para me manter durante a reforma. Não sou muito exigente. Os velhos vivem do ar e eu sou muito velho: terei perto de uma centena de anos, segundo me dizem.

Nas décadas que se seguiram à morte de Cícero perguntaram-me muitas vezes, quase sempre em sussurros, como é que o senador era na realidade, mas guardei silêncio. Como poderia saber se estava a falar com algum espião enviado pelo Governo? Esperava ser saneado a qualquer momento. Porém, como a minha vida está a chegar ao fim, e como já não alimento quaisquer medos — nem sequer da tortura, pois não resistiria mais que um instante às mãos do torcionário ou dos seus auxiliares — resolvi que este livro será a minha resposta. Vou utilizar a memória e os documentos entregues à minha guarda. Como a vida que me resta será inevitavelmente breve, proponho-me escrevê-lo depressa, recorrendo ao sistema de estenografia, numas dezenas de pequenos rolos do papiro mais fino — *Hieratica*, nem mais nem menos — que guardo desde há muito com este propósito. Desde já peço desculpa pelos meus erros e pelo estilo menos adequado. Também

imploro aos deuses que me deixem terminar antes de a morte me vencer. As últimas palavras de Cícero foram um pedido para que eu contasse a verdade acerca dele, um pedido que estou disposto a satisfazer. Se ele nem sempre emergir como um paradigma de virtudes, paciência. O poder confere a um homem muitos luxos, mas um par de mãos limpas raramente se encontra entre eles.

O meu propósito é tratar do poder e do homem. Ao falar em poder, estou a referir-me ao poder oficial, ao poder político, a que em latim chamamos *imperium*, o poder de vida ou de morte, que o Estado concede a um determinado indivíduo. Um poder que foi pretendido por muitas centenas de homens, mas, em toda a história da República, Cícero foi o único que o procurou sem recursos que o pudessem ajudar, para além do seu próprio talento. Não provinha, como Metelo ou Hortênsio, de uma das grandes famílias aristocráticas, possuidoras de gerações de favores políticos que poderiam sacar em tempo de eleições. Não dispunha de um exército poderoso para lhe apoiar a candidatura, como acontecia com Pompeu ou com César. Não possuía, como Crasso, uma vasta fortuna que lhe aplanasse o caminho. Só dispunha da sua própria voz, que, graças a um extraordinário esforço de vontade, se tornara a mais famosa voz de todo o mundo.

Tinha vinte e quatro anos quando entrei ao seu serviço. Ele tinha vinte e sete. Eu era um servo doméstico, nascido na propriedade da família, situada nos montes que rodeiam Arpino, e nunca tinha visto Roma. Ele era um jovem advogado, que sofria esgotamentos nervosos e lutava para vencer consideráveis deficiências naturais. Poucos apostariam nas hipóteses de qualquer de nós.

Na altura, a voz de Cícero ainda não era o temível instrumento que iria ser mais tarde; era rouca e ocasionalmente podia resvalar para a gaguez. Quero crer que o problema era ele ter a cabeça ocupada por demasiadas palavras, que em momentos de maior pressão se lhe apertavam na garganta, como acontece quando duas ovelhas, pressionadas pelo rebanho que as segue, tentam passar ao mesmo tempo por um espaço estreito. De qualquer maneira, era frequente que tais palavras fossem demasiado eruditas para poderem ser compreendidas pela assistência. O «Erudito», como lhe chamavam os ouvintes impacientes, ou o «Grego», sendo certo que nenhum dos termos poderia ser visto como um elogio. Conquanto ninguém pusesse em dúvida o talento de Cícero para a oratória, a sua constituição física era demasiado frágil para lhe suportar toda a ambição; por isso, o esforço suportado pelas suas cordas vocais durante várias horas de argumentação, muitas vezes ao ar

livre e em qualquer estação do ano, podia deixá-lo rouco ou afónico durante dias. A estes desastres juntavam-se a insónia persistente e as digestões difíceis. Dito em palavras simples: se queria ascender na política, como desejava ardentemente, Cícero precisava de ajuda profissional. Portanto, decidiu ausentar-se de Roma por algum tempo, com o duplo objectivo de refrescar as ideias e de consultar os mais famosos professores de Retórica, que, na sua maioria, viviam na Grécia e na Ásia Menor.

Por eu ser responsável pela pequena biblioteca do pai dele, e por possuir conhecimentos razoáveis de grego, Cícero pediu-me emprestado, como quem leva para casa um livro da biblioteca, e levou-me com ele para o Oriente. A minha função era dirigir os preparativos, arranjar transportes, pagar aos professores e tudo o que fosse necessário; ao fim de um ano seria devolvido ao meu antigo senhor. No final, como acontece com tantos livros úteis, acabei por nunca ser devolvido.

Encontrámo-nos no porto de Brindisium no dia em que devíamos seguir viagem. Estávamos no Consulado de Servílio Vátia e Cláudio Pulcro, no 675.º ano da fundação de Roma. Cícero ainda não era a figura imponente que se viria a tornar, nem as suas feições eram de tal forma populares que não lhe permitissem percorrer a mais calma das ruas sem ser reconhecido. (Bem gostaria de saber o que terá acontecido a todos aqueles milhares de bustos e retratos que chegaram a adornar casas particulares e edifícios públicos. Teriam, na verdade, sido todos partidos e queimados?) Naquele dia de Primavera, o jovem que estava no cais era magro e tinha ombros arredondados, pescoço excessivamente alto em que uma volumosa maçã-de-adão, grande como um punho de bebé, subia e descia sempre que ele engolia. Os olhos eram protuberantes, a pele amarelenta, as faces encovadas; era, em resumo, a imagem da falta de saúde. «Pois bem, Tirão», recordo-me de ter pensado, «aproveita a viagem, que não durará muito.»

Começámos por ir a Atenas, onde Cícero se prometera o prazer de frequentar a Academia para estudar Filosofia. Levei-lhe o saco para o auditório e, quando estava para o deixar ali, quis saber para onde é que eu ia.

— Vou sentar-me à sombra, juntamente com os outros escravos — respondi —, a menos que tenhas qualquer outro serviço para mim.

— É claro que tenho. Vou exigir-te um trabalho muito cansativo. Quero que fiques comigo e aprendas um pouco de filosofia, para eu poder ter alguém com quem falar durante as nossas demoradas viagens.

Portanto, fiquei com ele e tive o privilégio de ouvir o próprio Antíoco de Áscalon explicar os três princípios fundamentais do estoicismo: que a virtude é suficiente para nos trazer a felicidade, que nada é bom excepto a virtude e que não se deve confiar nas emoções, três regras simples que, se os homens decidissem segui-las, resolveriam muitos dos problemas do mundo. Desde então passámos a debater estas questões e, nos domínios do intelecto, a nossa diferença de estatuto social era sempre esquecida. Ficámos seis meses junto de Antíoco, antes de prosseguirmos para alcançar o verdadeiro objectivo daquela viagem.

Na altura, a escola dominante de Retórica era o chamado «Método Asiático». Elaborado e florido, cheio de frases pomposas e ritmos sonoros, a explicação era acompanhada de muitos desvios, com pequenos passeios para lá e para cá. O seu maior expoente romano era Quinto Hortênsio Hórtalo, universalmente consagrado como o primeiro orador daquele tempo, cujo complicado trabalho de pés lhe granjeara o cognome de «Mestre Dançarino». Cícero, desejoso de lhe conhecer os truques, fez questão de ouvir todos os mentores de Hortênsio: Ménipo de Estratoniceia, Dioniso de Magnésia, Êsquilo de Cnido, Xenócles de Adramite. Os próprios nomes dão uma ideia do seu estilo. Cícero passou semanas junto de cada um, a estudar pacientemente os seus métodos, até se convencer de que os tinha compreendido.

Certa manhã, ao pegar no seu habitual prato de vegetais cozidos, disse-me: — Tirão, já tenho a minha dose destes arrogantes perfumados. Vais arranjar um barco que faça a viagem de Lorima para Rodes. Vamos experimentar uma mudança de direcção. Vamos inscrever-nos na escola de Apolónio Mólón.

E assim aconteceu. Uma manhã, logo ao raiar do dia, quando o estreito do Mar Egeu estava tão liso e leitoso como uma pérola (terão de me perdoar estes floreios ocasionais, pois li demasiada poesia grega para conseguir manter o meu austero estilo latino), meteram-nos num barco a remos para fazermos a viagem entre o continente e aquela ilha antiga e montanhosa, em cujo desembarcadouro éramos esperados pela figura rechonchuda do próprio Mólón.

Este Mólón era um advogado natural de Alabanda, que tinha pleiteado brilhantemente nos tribunais de Roma, sendo até convidado a dirigir-se ao Senado em grego, uma honra nunca antes concedida, mas depois retirara-se para Rodes, onde abrira a escola retórica. A sua teoria da Oratória, exactamente o contrário do Modelo Asiático, era simples: não andar demasiado, manter a cabeça erguida, não se afastar do tema, fazê-los chorar, fazê-los rir e, uma vez conquistada a simpatia

deles, sentar-se calmamente. — Nada seca com maior rapidez do que uma lágrima — dizia. Esta teoria estava mais de acordo com a maneira de ser de Cícero e ele entregou-se inteiramente a Mólón.

A primeira acção de Mólón, no fim da tarde, foi servir-lhe um prato de ovos escalfados com molho de anchovas e, depois de Cícero ter comido tudo, não sem protestos, é bom que se diga, seguiu-se um naco de carne vermelha, só passado pelas brasas e acompanhado de uma taça de leite de cabra. — Jovem, tu precisas de arcaboço — aconselhou, a bater no peito forte. — De uma flauta fraca ninguém consegue tirar um som forte — acrescentou. Cícero lançou-lhe um olhar de dúvida, mas obedeceu e mastigou até deixar o prato limpo, e nessa noite, pela primeira vez em meses, dormiu um sono profundo. (Sei o que digo, porque costumava dormir no chão, à porta do quarto dele.)

Os exercícios físicos começaram ao amanhecer. — Discursar no fórum pode comparar-se à disputa de uma prova de corrida. Exige vigor e força — dizia Mólón. Lançou um soco fingido a Cícero, que gritou um «Ui!» e quase caiu para trás. Mólón obrigou-o a pôr-se em pé, de pernas afastadas e joelhos rígidos, para flectir pela cintura até os dedos tocarem chão ao lado dos pés, vinte flexões para cada lado. Depois disso, mandou-o deitar-se de costas, com as mãos atrás da cabeça e sentar-se repetidas vezes, sem mexer as pernas. Fê-lo deitar-se de barriga para baixo e elevar-se à força de braços, também vinte vezes, sem dobrar os joelhos. Foi este o regime do primeiro dia e, a partir daí, em cada dia foram acrescentados novos exercícios e também aumentou a duração de cada um deles. Cícero voltou a dormir bem e também deixou de ter problemas de digestão.

Para o treino de declamação propriamente dita, Mólón obrigou o ansioso discípulo a sair da sombra do pátio, levou-o para o sol do meio-dia e obrigou-o a recitar os trechos escolhidos (quase sempre uma intervenção em tribunal ou um solilóquio de Menandro), enquanto subia um outeiro, sem se interromper. Desta forma, com as lagartixas a fugirem-lhe de debaixo dos pés e apenas o canto das cigarras empoleiradas nas oliveiras como assistência, Cícero fortaleceu os pulmões e aprendeu a proferir um número máximo de palavras em cada inspiração. — Regula a potência da voz para obteres um som de altura média. É aí que reside a força, nem demasiado acima nem demasiado abaixo — ensinou Mólón. Durante as tardes, para alargar o alcance do discurso, o mestre levava-o para a praia de seixos pequenos, afastava-se oitenta jardas [73 metros], o máximo alcance da voz humana, e fazia-o declamar contra o marulhar das ondas, o som mais parecido, explicou, ao do murmúrio de três mil pessoas ao ar livre, ou

ao som de fundo de várias centenas de homens a conversar no interior do Senado. Eram perturbações a que Cícero teria de se habituar.

— Mas, e quanto ao conteúdo da minha mensagem? — indagou Cícero. — Não terei certamente de me impor sobretudo pela força dos meus argumentos?

Mólon encolheu os ombros. — O conteúdo não é da minha esfera. Lembra-te de Demóstenes: «Na Oratória contam três coisas: a dicção, a dicção e, uma vez mais, a dicção».

— E quanto à minha gaguez?

— A ga-a-guez também não me pre-o-cu-pa — replicou Mólon com um sorriso e uma piscadela de olho. — Falando a sério, confere interesse e uma útil impressão de honestidade. O próprio Demóstenes tinha um ligeiro ceceio. A assistência identifica-se com essas falhas. Só a perfeição se torna enfadonha. Ora bem, afasta-te mais para o fundo da praia e tenta fazer que eu te oiça.

Portanto, desde o início fui privilegiado por ver os truques do orador a serem transmitidos de um mestre para outro. — Nada de inclinações efeminadas de cabeça, nem torcer de dedos. Não mexas os ombros. Se precisares de um gesto de mãos, tenta encostar o dedo médio contra o polegar ao mesmo tempo que estendes os outros três. Esse sim, é um bom gesto. É verdade que os olhos seguem *sempre* a direcção do gesto, excepto quando temos de exprimir rejeição: «Oh, deuses, afastai de nós essa praga!» ou «Não me julgo merecedor de tal honra».

Nada era reduzido a escrito, pois nenhum orador digno desse nome ousaria ler um texto ou consultar quaisquer apontamentos. Mólon preferia o método normal de memorizar um discurso: o da viagem imaginária pela casa do orador. — Coloca a primeira ideia que queres exprimir no átrio, e pensa nela como ficando ali, depois no segundo átrio e por aí fora, percorrendo a casa da maneira mais natural, destinando uma parte do discurso não apenas a cada sala, mas também a cada uma das alcovas ou a cada estátua. Assegura-te de que todos os locais estão bem iluminados, claramente definidos e são diferentes entre si. De contrário, começarás a tactear à tua volta, como um bêbado a tentar encontrar a cama depois de vir de uma festa.

Cícero não era o único discípulo a frequentar a academia de Mólon durante aquela Primavera e aquele Verão. A seu tempo, chegaram o irmão mais jovem de Cícero, Quinto, e o seu primo Lúcio, bem como dois amigos dele: Servo, um advogado presunçoso que pretendia ser juiz, e Ático, o bonito e simpático Ático, que não se interessava por oratória, pois vivia em Atenas, e certamente não pretendia fazer

carreira na política, mas adorava estar junto de Cícero. Todos se mostraram maravilhados com as mudanças operadas na saúde e no aspecto dele, e agora que chegara a altura de regressarem a Roma, pois já começara o Outono, reuniram-se para apreciar os efeitos que o ensino de Mólón tinha operado nos dotes oratórios de Cícero.

Bem gostaria de me recordar do assunto do discurso de Cícero nessa noite, mas receio ser uma prova viva da afirmação cínica de Demóstenes, a de que tudo o que conta é a forma do discurso. Mantive-me discretamente escondido, na sombra, e tudo aquilo de que me lembro são as borboletas que cirandavam à volta das tochas, o manto de estrelas que cobria o pátio e os rostos embevecidos dos jovens, avermelhados pelas chamas e virados para Cícero. Mas recordo-me do que Mólón disse a seguir, depois de o seu protegido, com um aceno final para o júri imaginário, se ter sentado. Após um prolongado silêncio, pôs-se de pé e, numa voz rouca, afirmou: — Cícero, dou-te os parabéns e digo que estou espantado contigo. É a Grécia e o destino que a espera que eu lamento. A supremacia da nossa eloquência era a última glória que nos restava; e, agora, até essa nos foi retirada. Regressa — ordenou, fazendo um gesto com os dedos estendidos, como se tentasse saltar do pátio iluminado para o mar escuro e distante. — Vai, meu filho, *e conquista Roma!*

Muito bem, então. Bastante fácil de dizer. Mas, como se faz? Como se «conquista Roma» sem outra arma para além da própria voz?

O primeiro passo era óbvio: havia necessidade de ser senador.

Naquele tempo, para se entrar no Senado era preciso ter trinta e um anos feitos e ser milionário. Para ser exacto, só para se ser candidato às eleições realizadas anualmente em Julho, a fim de eleger vinte novos senadores que substituíam os que tinham morrido no ano anterior e os que se tinham tornado demasiado pobres para conservarem os seus lugares, era preciso mostrar às autoridades bens no valor de um milhão de sestércios. Onde é que Cícero poderia arranjar um milhão? O pai dele não possuía, de certeza, tanto dinheiro: a propriedade da família era pequena e estava fortemente hipotecada. Portanto, tinha ante si as três opções tradicionais. Ganhar o milhão levaria tempo a mais, roubá-lo seria arriscado em demasia. Por conseguinte, pouco tempo depois de regressar de Rodes, casou com ele. Terência fizera dezassete anos, tinha o peito chato como um rapaz e uma cabeça adornada com caracóis pretos e curtos. A sua meia-irmã era uma virgem vestal, prova do seu estatuto familiar. Mais importante ainda: era dona de três blocos de apartamentos miseráveis em Roma, de algumas matas nos subúrbios e de uma

quinta; valor total: um milhão e duzentos e cinquenta mil sestércios. (Ah, Terência: lisa, grande e rica, que bela peça me saíste! Vi-a ainda há uns meses, a ser levada numa liteira aberta pela estrada costeira para Nápoles, a guinchar com os servos para que andassem mais depressa: cabeleira branca e pele cor de noqueira polida, mas, quanto ao resto, bastante parecida.)

Portanto, em devido tempo, Cícero chegou ao Senado; de facto, ficou em primeiro lugar na eleição, agora que era considerado o segundo melhor advogado de Roma, a seguir a Hortênsio; e, antes de ocupar o seu lugar, foi mandado cumprir o ano de serviço obrigatório do Estado, fora de Roma, que no seu caso foi cumprido na província da Sicília. Com o título oficial de questor, era o menos graduado de todos os magistrados. As mulheres não eram autorizadas a acompanhar os maridos no cumprimento daquele dever, pelo que Terência, creio que para seu grande alívio, permaneceu em Roma. Mas eu acompanhei-o, já que nesta altura me tinha tornado uma espécie de extensão dele próprio, que se usa sem pensar, como um pé ou uma mão suplementares. Uma das razões por que me tinha tornado indispensável fora a descoberta do método que me permitia anotar tudo o que ele dizia, à mesma velocidade com que ele proferia as palavras. A partir de um dado inicial pouco importante, pois posso modestamente reclamar ter inventado o sinal que representa conjunção, o meu sistema evoluiu até encher um manual com cerca de quatro mil símbolos. Descobri, por exemplo, que Cícero gostava de repetir certas frases, pelo que aprendi a reduzi-las a um traço, ou até a uma sucessão de pontos, acabando, assim, por provar o que muita gente já sabia: que, na essência, os políticos repetem, uma a outra vez, as mesmas frases. Ditava-me quando estava no banho ou reclinado no triclínio, no interior de carruagens balouçantes ou durante passeios pelo campo. Nunca lhe faltavam as palavras e a mim nunca faltavam os símbolos para as registar para sempre, no preciso momento em que eram lançadas no ar. Tínhamos sido feitos um para o outro.

Regressemos, porém, à Sicília. Não se assustem: não vou descrever os pormenores do nosso trabalho. Como em grande parte da vida política, já eram tristes quando estavam a acontecer e, para saber isso, não era preciso recordá-los sessenta anos depois. O que foi memorável, e significativo, foi a viagem de regresso a casa. Cícero atrasou-o propositadamente um mês, entre Março e Abril, para ter a certeza de passar por Putéolos durante as férias do Senado, na altura precisa em que toda a parte importante da classe política se encontrasse em peso na Baía de Nápoles, a gozar os banhos nas termas. Foi-me ordenado

que alugasse o melhor barco de doze remos que conseguisse encontrar, de modo a que ele entrasse no porto em grande estilo, vestindo pela primeira vez a toga debruada a púrpura de um senador da República Romana.

É que Cícero conseguira convencer-se de que a sua passagem pela Sicília constituía um êxito tal que, regressado a Roma, ele teria necessariamente de ser alvo de todas as atenções. Tinha exercido a magistratura de Roma, imparcialmente e com dignidade, em centenas de praças públicas sufocantes ou à sombra de árvores sicilianas atarracadas, poeirentas e infestadas de vespas. Conseguira comprar as maiores quantidades de sempre de cereais para alimentar os eleitores da capital e tinha conseguido que os transportassem pelos mais baixos preços de sempre. Os seus discursos em cerimónias oficiais haviam sido obras-primas de tacto. Até fingira interessar-se pelas conversas das pessoas da terra. Sabia que tinha agido bem e numa torrente de relatórios oficiais para o Senado nunca deixara de louvar os seus feitos. Devo confessar que, uma vez por outra, eu aligeirava o tom antes de entregar os relatórios ao mensageiro, ao mesmo tempo que tentava dar-lhe a entender que talvez a Sicília não fosse exactamente o centro do mundo. Não ligava.

Parece que estou a vê-lo no barco em que regressámos à Itália, na proa, de pé, a esquadrinhar o cais de Putéolos. Estaria a contar com o quê? Não faço ideia. Com uma banda? Com enviados dos cônsules que lhe impusessem a coroa de louros? Estava lá uma multidão, claro, mas não à espera dele. Hortênsio, já com um olho no Consulado, dava um banquete em vários barcos coloridamente ornamentados fundeados nas proximidades, pelo que os convidados aguardavam a oportunidade de serem transportados para a festa. Cícero desembarcou... sem que alguém desse por isso. Analisou-se, estupefacto, mas nesse momento alguns dos convivas, notando o debrum senatorial que brilhava por ser novo, correram para ele. Já a antecipar o prazer, Cícero encheu o peito de ar.

— Senador — chamou alguém —, que novidades nos trazes de Roma?

Conseguiu manter o sorriso. — Não venho de Roma, meu caro amigo. Regresso da minha província.

Um homem de cabelo ruivo, já manifestamente bêbado, exclamou: — Oooh! *Meu caro amigo!* Ele está de regresso da *sua província*...

Houve um resfolgar de riso, dificilmente abafado.

— Onde é que está a piada? — interrompeu um terceiro, desejoso de evitar conflitos. — Não estás a ver? Ele esteve em África.

Cícero ostentava agora um sorriso heróico. — Na verdade, venho da Sicília.

Teria havido mais trocas de frases deste género. Já não me recordo. As pessoas começaram a dispersar logo que perceberam que não havia mexericos da capital para comentar e não tardou a que Hortênsio viesse buscar os restantes convivas e os empurrasse para os barcos. Também cumprimentou Cícero com uma inclinação de cabeça, com delicadeza suficiente, mas sem o convidar a juntar-se à festa. Deixaram-nos sozinhos.

Um incidente trivial, dir-se-ia, mas o próprio Cícero costumava dizer que aquele fora o instante em que a sua ambição se tornou sólida como uma rocha. Fora rebaixado, humilhado pela sua própria vaidade, e percebera de forma brutal a pouca importância que lhe era atribuída na sociedade. Ficou ali durante muito tempo, a observar Hortênsio e os amigos a festejarem em pleno mar, a ouvir música alegre e, quando rodou sobre os calcanhares, estava mudado. Não exagero. Vi-lhe a mudança no olhar. «Muito bem», parecia dizer a sua expressão, «os tontos podem brincar; eu trabalharei.»

«Cavalheiros, sinto-me inclinado a pensar que esta experiência foi mais valiosa para mim do que se me tivessem esperado com trovoadas de aplausos. Desde então, deixei de me interessar por aquilo que o mundo esperava ouvir de mim: desde aquele dia, tomei as medidas necessárias para que fosse visto, em pessoa, todos os dias, passei a ter vida pública. Frequentava o fórum. Nem o meu porteiro nem o sono proibiam alguém de entrar para falar comigo. Mesmo quando não tinha nada que fazer... fazia qualquer coisa e, por conseguinte, o repouso absoluto foi um prazer de que nunca desfrutei.»

Encontrei esta passagem de um dos seus discursos ainda não há muito tempo e posso atestar a sua autenticidade. Afastou-se do cais como se estivesse a viver um sonho, atravessou Putéolos e entrou na estrada principal sem olhar para trás uma única vez. Atrás dele, eu lutava para transportar o máximo de bagagem que podia. De início, as passadas dele eram lentas e bem medidas, mas, pouco a pouco, foi aumentando de rapidez, até começar a caminhar com tal velocidade em direcção a Roma que eu sentia dificuldade em acompanhá-lo.

E com isto termino o meu primeiro rolo de papiro e darei início à verdadeira história de Marco Túlio Cícero.